Comentário à Conferência de Isaura Manso Neto:
"Identificação e identidade dos grupanalistas e outros psicoterapeutas psicanalíticos. Como escolher um psicoterapeuta? O padrão grupanalítico integra o factor T"

José de Abreu Afonso

*C*omeço por agradecer aos editores o amável convite para publicar o comentário – que fiz com muita satisfação - à conferência da Dra. Isaura Manso Neto, conferência que constitui um exercício de pensamento corajoso e necessário num tempo de fragmentações - sociais, políticas, científicas e institucionais, que vão acontecendo, também, na comunidade analítica.

Propõe-nos a autora que o amor, entendido como força de ligação, reconhecimento e empatia, possa funcionar como antídoto para as clivagens que dominam o mundo contemporâneo. Uma proposta inspiradora: ver na grupanálise e na psicanálise não apenas métodos terapêuticos, mas actos de resistência simbólica, modos de restaurar o diálogo, a escuta, e a possibilidade de compreensão. Esta força poética e ética pareceria até idealista se não conhecêssemos que as mesmas clivagens que Isaura Neto denuncia existem inevitavelmente nos próprios dispositivos analíticos e nas sociedades científicas que os representam. Nenhum grupo, nenhum analista e nenhuma instituição são imunes à fragmentação, à ideologia ou à rigidez.

A conferência faz-nos reflectir sobre a identidade profissional do psicoterapeuta psicanalítico e do grupanalista. A revalorização do conceito de *padrão*, introduzido por Eduardo Cortesão, é um contributo importante que a Dra. Isaura Neto traz muitas vezes nas suas reflexões públicas. Ao sublinhar que a eficácia clínica depende da estrutura ética, pessoal e inconsciente do analista, devolve a centralidade do fator humano e pessoal à terapia - um contraponto necessário ao tecnicismo e à manualização das intervenções psicológicas propostas pela OMS (2024). Identificamo-nos com essa crítica, legítima e pertinente, à ideia de que a saúde mental pode ser tratada por não especialistas - ou mesmo por especialistas - mediante protocolos uniformes, o que representa uma desvalorização da complexidade subjectiva e relacional do sofrimento.

Com contundência a autora sublinha que o discurso da "ciência baseada na evidência" pode converter-se numa nova forma de clivagem: uma separação entre o mensurável e o humano, entre o dado empírico e a experiência subjectiva. A experiência na clínica e na academia permite-

[1] Psicólogo Clínico, Psicoterapeuta, Grupanalista, Membro Titular Didacta da Sociedade Portuguesa de Grupanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo. Doutorado em Psicologia Clínica. Professor auxiliar de psicologia no ISPA e formador em vários seminários sobre psicoterapia, psicanálise e grupanálise.
Artigo adaptado a partir do seu Comentário apresentado no XXIV Congresso Nacional da Sociedade Portuguesa de Grupanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo, Lisboa 7-8 novembro 2025.

me ter esperança. Assistimos a uma era de subjugação àquele paradigma e ao modelo médico, mas estamos em tempo de mudança. Alinhamo-nos com Isaura Neto na defesa da psicanálise e da grupanálise como saberes da complexidade e da escuta, como um gesto de resistência importante - desde que não caiamos na tentação de nos isolar do diálogo com a ciência empírica e as novas formas de investigação em psicoterapia.

A defesa da nossa "identidade analítica" não deve fazer esquecer que também dentro do campo analítico existem zonas de indefinição, dogmatismo e resistência à autocrítica. A autora evoca com justeza Otto Kernberg e a sua crítica à formação psicanalítica excessivamente hierarquizada e repetitiva, texto que apesar de ter sido escrito há trinta ainda nos dá que pensar. Mas receio que por vezes, quando se fazem referências à "psicanálise clássica", se possa estar a operar uma clivagem simétrica: contrapondo um modelo "fechado" e freudiano a um "relacional" aberto e ético. Creio que esta é uma simplificação a que devemos resistir. O movimento psicanalítico pós-freudiano, desde a teoria da relação de objeto até às abordagens inter-subjectivas contemporâneas, tem vindo a integrar progressivamente as dimensões relacionais, dialógicas e co-construtivas do processo analítico. Reduzir o relacional à "ética da parceria" pode empobrecer o alcance dessas transformações internas do movimento psicanalítico internacional.

É um facto que as tensões entre modelos - freudiano, kleiniano, bioniano, intersubjetivo, realcional e outros - não são apenas teóricas, mas formas distintas de lidar com a alteridade, com a transferência e com a verdade emocional. As divergências, contudo, não têm de significar clivagem, mas pluralidade viva; o desafio é institucionalizar a diferença sem a converter em seita, tarefa difícil para qualquer escola psicanalítica, relacional ou não. A autora toca nesse ponto ao questionar a heterogeneidade das formações e dos critérios em muitas sociedades europeias de psicoterapia analítica, mas, mais uma vez, não nos esqueçamos que aquela diversidade também é expressão da vitalidade do campo.

Isaura Neto reflete sobre o respeito autêntico pela diferença, a empatia e a não intrusão como fundamentos da ética grupanalítica. Temas que me são muito caros. Ideais nobres e, por isso mesmo, perigosos se tomados como garantidos. O respeito autêntico é sempre um trabalho em curso, constantemente ameaçado pelos vieses teóricos, pelas identificações narcísicas, pelas noções de seleção e de alta, por exemplo. O próprio grupanalista, ao exercer poder simbólico sobre o grupo ou sobre o sujeito, precisa de reconhecer a sua contra-transferência, a resistência à escuta e as ideologias internalizadas no seu modo de compreender o outro.

Se como Isaura Neto sublinha a empatia - que do nosso ponto de vista é um pré-requisito - é uma das formas que a contratransferência pode assumir, a necessidade do analista cultivar a auto-reflexão e expandir a capacidade de escutar destaca a importância da análise pessoal e dos traços de carácter ego-sintónicos.

A actualização constante surge assim como um complemento ético e formativo indispensável. Permitam-me falar de actualização não apenas teórica, mas também do acompanhamento das transformações históricas e sociais que já não encontram explicação cabal nas velhas teorias. O

mundo mudou. A teoria psicanalítica não pode ir atrás da sociologia, e muito menos do activismo político e social, mas tem de ultrapassar a resistência a uma escuta livre, que permita compreender a contemporaneidade e as suas pessoas, ultrapassando aquilo que dava por adquirido como normalidade, herdeira que é do modernismo que acabou por cair, como sabemos, em modelos de pensamento único.

Na clínica, estamos para tentar compreender, pensar e lutar contra a resistência ao pensamento. Não podia concordar mais com a naturalidade do recurso a novas experiências analíticas proposta por Freud em 1937 - e que bom podermos falar das coisas extraordinárias que Freud nos ensinou sem preconceitos - prática que ajudaria a manter viva a capacidade de escuta e o trabalho interminável sobre si próprio.

E voltamos a uma das tensões mais difíceis do exercício analítico e da formação clínica: a do poder nas próprias sociedades científicas. O narcisismo dos analistas, os seus pontos cegos e as dinâmicas de autoridade institucional, a noção de pertença - podem facilmente cair em doutrinação e perverter o que a psicanálise e a grupanálise defendem. As lógicas de exclusão, rivalidade e idealização repetem-se transgeracionalmente - por vezes com disfarces teóricos - e comprometem o espírito crítico e libertador que a autora reivindica. Reconhecer essa dimensão de poder e de sombra é parte integrante da ética analítica e condição da autenticidade dos vínculos individuais e grupais.

Referindo a ética e a relação com os grupanalisandos a autora partilha um código de princípios que traduz o melhor da tradição psicanalítica: confidencialidade, abstinência, responsabilidade, não abuso de poder. Como sabemos a enunciação desses deveres não assegura a sua realização. O que os garante é uma cultura viva de autocrítica, de supervisão e intervisão, sustentada pelo próprio grupo de pares. Precisamos, mesmo, de aprofundar as condições institucionais que tornam a ética algo vivido e não apenas prescrito.

Essa vigilância ética é enfatizada pela autora. Será proveitoso pensar o que acontece quando tais princípios falham - quando a contratransferência é negada, a empatia se torna condescendência, ou a análise é cúmplice de normalização ou de exclusões. Reconhecer e trabalhar falhas de toda a natureza é parte essencial do ofício psicanalítico e grupanalítico. A ética não é um código exterior à técnica: é o seu coração vivo. Esta é uma articulação, que constitui um dos eixos centrais da responsabilidade analítica.

Em suma, *Amor em tempo de clivagens* de Isaura Neto é uma conferência que nos desafia a pensar a psicanálise e a grupanálise não apenas como métodos, mas como actos clínicos, éticos, políticos e de ligação, num mundo que tende à dissociação. O texto combina paixão teórica e experiência clínica. Um dos seus méritos - que são muitos - está em recolocar o “amor” - entendido como reconhecimento do outro e compromisso com a verdade da relação - no centro da prática analítica. Amor que, para não se tornar ideal, precisa nascer do confronto lúcido com as divisões em nós próprios, no nosso modelo de referência e nas nossas organizações - campos de histórica polarização e integração.

Assim, mais do que antídoto, a psicanálise - individual ou grupal - é o espaço onde a clivagem pode ser vista, pensada e, quem sabe, temporariamente reconciliada. Dentro e fora da sessão, porque esta é outra clivagem que pode florescer no nosso meio.

Agradeço à Isaura Manso Neto pelo material rico que me permitiu pensar.